

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica Class.: Energia/UAH  
 Data 05/06/89 Pg.: 17

## Experiência pioneira ajuda natureza

Um lago hidrelétrico não é a sepultura da vida como erroneamente se informa com frequência. As concessionárias brasileiras de serviço de energia elétrica têm sabido fazer uma utilização sadia de seus reservatórios. A Eletronorte, a quem cabe explorar para o País o imenso potencial hidrelétrico da Amazônia, tem comprovado isso diariamente com a experiência pioneira de Tucuruí e agora com Balbina e Samuel. Não se trata de obra do acaso. E bem verdade que a Amazônia é um mistério que apresenta uma surpresa atrás de cada árvore, mas os diagnósticos ambientais elaborados pelo corpo técnico da Eletronorte, com a colaboração de renomados especialistas e instituições científicas, têm se mostrado suficientemente corretos para ratificar as garantias oferecidas pela Empresa à população da área, de influência dos empreendimentos, da ausência de riscos das catástrofes muitas vezes apregoadas.

Em Tucuruí, sem nenhum peixamento artificial, o Setor Elétrico tem hoje de longe o lago mais piscoso do País. Espécies nobres como o tucunaré e a pescada branca chegam a somar várias toneladas/dia de proteína animal da melhor espécie, para abastecimento não só do local mas dos mercados em várias regiões.

A madeira, submersa por razões alheias à vontade da Eletronorte, também não está perdida como muitos críticos acreditavam. Conservada pela água, há cerca de dois anos a iniciativa privada local deu início à exploração das madeiras nobres. Posteriormente, com apoio técnico da Eletronorte, esses pequenos empresários locais passaram a explorar também madeiras menos nobres, mas de bom valor comercial, e no momento prepararam-se para dar início à produção de carvão através da queima da gálhada dessas árvores submersas. É possível produzir-se carvão vegetal por essa via a um custo 16 vezes menor que a produção tradicional em terra firme. Como há uma grande demanda por carvão vegetal na área do Programa Grande Carajás, o carvão do lago de Tucuruí, além de ser um negócio rentável para esses pequenos empresários, ajudará a exploração produtiva da floresta nativa.

### INDIOS

Os compromissos da Eietro-

norte com as comunidades indígenas que fazem interface com a construção das Usinas de Tucuruí e Balbina, e das linhas de transmissão entre as cidades de Marabá e Imperatriz, e Imperatriz e Presidente Dutra, são considerados dos mais avançados já realizados no País. A Empresa vem desenvolvendo uma séria política indigenista ao longo dos anos e, em seus convênios com a Fundação Nacional do Índio (Funai), tem se comprometido a assegurar aos índios aquilo que lhes é mais caro e sagrado: a terra.

São aproximadamente quatro milhões de hectares demarcados, sendo que todas as comunidades indígenas situadas em área de influência de algum empreendimento da Eletronorte já têm garantido o usufruto de suas terras. Além disso a Eletronorte não trabalha sozinho, mas sempre assessorada por profissionais de renomadas instituições científicas e universidades, que garante aos índios não só a terra mas também ações de saúde, educação e principalmente a manutenção e o desenvolvimento de seus valores sócio-culturais.

A comunidade Parakanã, por exemplo, afetada pela construção da hidrelétrica de Tucuruí, tem hoje área demarcada em 351.697 ha e sua população aumentou nos últimos cinco anos a índices de 5 a 8 por cento ao ano, devido a eficazes ações de saúde e à retomada das atividades produtivas tradicionais. O programa de saúde desenvolvido para os Parakanã valoriza e respeita a medicina indígena, mas as enfermarias da aldeia

estão prontas para atender os casos mais difíceis.

Na escola, eles aprendem primeiro a dominar a língua materna para depois aprender o Português e contam com material escolar e merenda; ainda há programas de apoio à produção, infra-estrutura de apoio, saneamento básico e de vigilância dos limites de suas terras.

Programas semelhantes se estendem às outras comunidades. A Waimiri-Atroari, afetada pela construção de Balbina (e também por outros empreendimentos mais antigos ou que ainda hoje estão por ali), é assistida por aquele que é considerado o melhor convênio de assistência social aos índios brasileiros já firmado. A começar pela demarcação de 2.440.000 ha de sua reserva e pelos seus vinte e cinco anos de assistência continua que terá. Hoje, os Waimiri-Atroari, vêem sua população aumentar — de 332 em 1983 para 444 em 1989 —, circulam em barcos de alumínio e caminhões e desenvolvem produtiva lavoura de subsistência.

A ação de saúde é preventiva e todos os estudos são desenvolvidos em conjunto com o Instituto de Medicina Tropical de Manaus, principalmente sobre as endemias regionais como malária, leishmaniose, arbovirose e doença de chagas. Postos de saúde contam com enfermaria, laboratório e atendimento odontológico. Também são efetuados o acompanhamento prenatal, a assistência infantil e imunização.

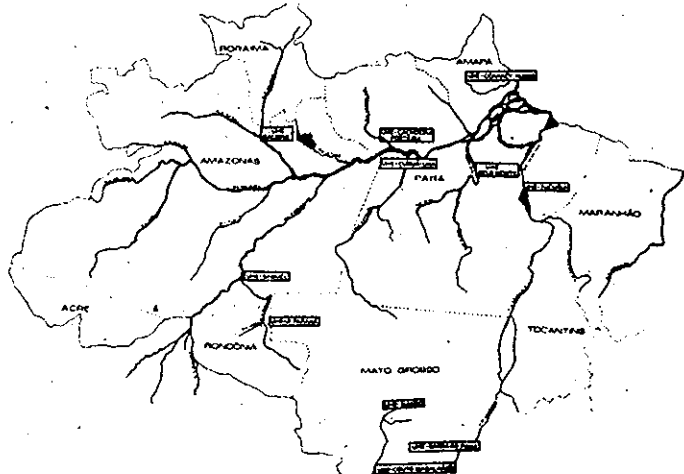
Os índios Krikati, cujas terras foram cortadas pelas linhas de transmissão de Tucuruí, estiveram recentemente em Brasília negociando pendências, no compromisso firmado com a Eletronorte. Hábeis negociadores demonstraram, no entanto, ter progredido bastante com o que já receberam com indenização. Um exemplo é o aumento do rebanho bovino de 30 para 400 cabeças ou a produtividade dos 30 ha da lavoura mecanizada, sem falar nos programas de saúde e educação e da própria energia elétrica que abastece a aldeia.

Aos Guajajara, a Eletronorte indenizou não só com dinheiro, mas principalmente com investimentos de infra-estrutura de apoio: construção de açudes e peixamento, irrigação de lavouras e recuperação e construção de escolas e enfermarias, com a devida aquisição de equipamentos e materiais, instalação de olarias, poços artesanais e um hospital em Barra do Corda.

Linhas de transmissão também cortam a área indígena Mãe Maria, habitada pelos índios Gavião do Pará. Estes índios moram em casas de alvenaria e usufruem de todos os benefícios da energia elétrica gerada em Tucuruí. Foram indenizados, têm veículos automotores, vias de acesso, poços artesanais e mais de 120 casas com somem eletricidade sem pagar pelo serviço.

No rio Trombetas se erguerá a hidrelétrica Cachoeira Porteira, que não afetará diretamente nenhuma comunidade indígena. Mesmo assim, a Eletronorte já demarcou a área indígena Nhamundá/Mapuera com 1.022.400 ha, a cerca de 100 km do local de barramento. Por tudo isto, é de estranhar notícias de massacre de índios por hidrelétricas na Amazônia. Todas estas comunidades cresceram, sob todos os sentidos, com a assistência assegurada nos convênios devidos à construção das barragens da Eletronorte. Também é estranho que nenhuma dessas comunidades estivesse representada no recente I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em Altamira, quando poderia ter-se ouvido o líder Krikati, índio Herculano, dizer o que disse a um diretor da Eletronorte: "Nossa vida mudou, mas está tudo funcionando bem".

As hidrelétricas na Amazônia até o ano 2000.



Com exceção da usina Hidrelétrica de Curuá-Una, que pertence às Centrais Elétricas do Pará, as demais são da Eletronorte